

QUANDO O DESTINO SUPERA O AMOR: A TRÁGICA RELAÇÃO DE ENÉIAS E DIDO NA ENEIDA DE VIRGÍLIO COMO A TRAGÉDIA ENTRE ROMA E CARTAGO (264-146 A.C.)

Natália de Medeiros Costa ¹

Resumo: O foco da presente pesquisa são os quatro primeiros livros da Eneida, onde o Virgílio estabelece uma construção mítica das relações entre Roma e Cartago na figura das personagens de Enéias, aquele que levou os troianos a Itália e Dido, princesa fenícia que foi expulsa do reino de Tiro por seu irmão, Pigmalião, fugindo para a África, onde, diz a lenda, fundou a cidade de Cartago. Ao perceber que Virgílio rememora, através de Enéias e Dido, eventos tão anteriores a ele, visto que o conflito entre Roma e Cartago ocorreu na época republicana, no final do século III e início do II a.C., elaborei a seguinte questão: qual é o objetivo de Virgílio em criar uma relação mítica entre Enéias e Dido e relembrar uma guerra a tanto encerrada? Minha hipótese central é que Virgílio marca a Guerra contra Cartago como o momento no qual Roma dá o primeiro passo em direção à construção de seu Império no Mediterrâneo.

Palavras-chave: Virgílio; História Romana; Literatura Romana.

WHEN DESTINY EXCEEDS LOVE: THE TRAGIC RELATIONSHIP OF ENIAS AND DIDO IN THE VIRGIL'S ENEIDA AS THE TRAGEDY BETWEEN ROME AND CARTAGO (264-146 B.C.)

Abstract: The focus of the present research are the first four books of the Aeneid, where Virgil establishes a mythical construction of the relations between Rome and Carthage in the figures of Aeneas, the hero who brought the Trojans to Italy and Dido, Phoenician princess who was expelled from the kingdom of Tyre by her brother, Pygmalion, and ran away to Africa, where, according to the legend, founded the city of Carthage. When I realized that Virgil recollect, through Aeneas and Dido, previous events to him, since the conflict between Rome and Carthage happened on the republican period, from the end of the third century to the beginning of the second B.C., I elaborated the following question: what is Virgil's aim in creating a mythical relation between Aeneas and Dido and to remember a war long fought? My main hypothesis is that, for Virgil, after the Punic Wars Rome has begun to build a Mediterranean Empire.

Keywords: Virgil; Roman History; Roman Literature.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná. Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pesquisadora vinculada ao NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos) da Universidade Federal do Paraná. E-mail: natalia.medeiroscosta@gmail.com

I. Virgílio: entre a República e o Principado

Virgílio é uma figura ímpar na História da Literatura Romana. Quando Dante Alighieri desceu ao Inferno, seu guia foi Virgílio, estabelecendo um paralelo entre sua Divina Comédia e o Livro VI da Eneida virgiliana. A épica de Virgílio é um marco na Literatura Romana, tendo o autor não só retomado o estilo de escrita de Homero como também uma posição de destaque semelhante ao escritor grego: como Homero, Virgílio se tornou referência para os romanos no que toca à moral ². Outrossim, do autor grego, Virgílio encontrou o pano de fundo para sua épica da mesma forma como encontrou seu personagem principal: o príncipe troiano Enéias, sobrevivente da Guerra de Tróia e cujo destino era fundar na Itália uma nova Tróia, ou seja, Roma. Ao escrever sobre a história de Enéias, Virgílio escreveria, também, sobre Augusto, *princeps* ³ romano e cujo ancestral mítico era precisamente o príncipe troiano. Mas, afinal, quem foi Virgílio e por que sua obra é tão importante?

Como muitos cidadãos importantes da República e do Principado, Virgílio não nasceu em Roma, pelo contrário, nasceu em Mântua, no ano de 70 a.C. e, possivelmente, passou a residir na cidade de Roma por volta do ano de 54 a.C. Podemos dizer, sem receio de estarmos incorretos, que Virgílio nasceu em um período de profunda perturbação política. Praticamente um século antes, Roma derrotava seu maior rival até então, a saber, Cartago, e se fixava como a grande potência do Mediterrâneo. As Guerras contra Cartago, entretanto, exigiram grandes esforços e sacrifícios do povo romano, exaurindo boa parte dos recursos econômicos e humanos. Os soldados que voltaram das Guerras Púnicas

² NETO, João Angêlo Oliva. Apresentação. In.: Virgílio. *Eneida*. Tradução da Edição Bilingue por Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, p.12.

³ *Princeps*: "Primeiro (no tempo ou na ordem). Principal, mais importante, mais eminente, nobre. Principal membro, pessoa mais importante. Chefe, líder, comandante, superior". O título de *princeps* foi utilizado por Otaviano de maneira não-oficial. Até Diocleciano o título foi usado; depois disso, os líderes romanos passaram a ser conhecidos como *Imperator* (Imperador) (REZENDE, A.M.; Biachet, S.B. (2016). *Dicionário do Latim Essencial*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Enciclopædia Britannica, Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/princeps>, Acesso em: 30 de julho de 2018).

encontraram suas terras devastadas, onde levaria anos para voltar a cultivar; o *ager publicus*, terras pertencentes à República Romana e que eram destinadas à exploração por parte dos cidadãos, foram tomadas pela aristocracia dominante, que as utilizou como mão-de-obra escrava⁴. Esse novo tipo de mão-de-obra, ideia trazida da Grécia, tornava a competição entre pequenos e médios produtores rurais com grandes produtores, detentores de latifúndios, praticamente impossível, fato que forçava os pequenos e médios produtores a abandonarem suas terras e se destinarem a cidade de Roma, onde engrossariam a massa de desempregados na cidade.⁵

A agricultura, parte fundamental da República Romana, passava por graves problemas estruturais e uma solução imediata era cobrada por parte da população. Se os pequenos e médios produtores continuassem a deixar suas terras por impossibilidade de competição, quem sofreria as consequências era também o exército romano, uma vez que o critério para a entrada no exército era ser proprietário de terras; em um momento em que a República se envolvia em cada vez mais conflitos armados, perder possíveis soldados poderia ser desastroso. Os senadores romanos, grandes detentores de latifúndios, preferiram se abster da discussão.⁶

O tribunato da plebe, instituição romana que passou a fazer forte oposição ao senado, propôs medidas de Reforma Agrária: no ano de 133 a.C., Tibério Graco elaborou sua primeira proposta de Reforma Agrária que consistia em reduzir o tamanho das propriedades e redistribuir as terras sobressalentes aos *capite censi*⁷

⁴ ROSELAAR, Saskia T. *Public Land in the Roman Republic: A Social and Economic History of Ager Publicus in Italy, 396-89 a.C.* London: Oxford University Press, 2010, p.1.

⁵ CABANNES, Pierre. *Introdução à História da Antiguidade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009, p.199; LINTOTT, A. *Political History, 146-95 B.C.* In: Cook, J.A. *The Cambridge Ancient History: The Last Age of the Roman Republic, 146-43 B.C.* London: Cambridge University Press, 2008, p.54; SCULLARD, H.H. *From Gracchi to Nero: a History of Rome from 133 B.C. to A.D. 68.* Abingdon-on-Thames: Routledge, 2010, p.19.

⁶ Precisamos ter em mente que o senado romano, a partir dos distúrbios das Guerras Púnicas, cada vez mais se colocou como a instituição de destaque na República, assumindo uma posição de hegemonia política (SCULLARD, H.H. *From Gracchi to Nero: a History of Rome from 133 B.C. to A.D. 68.* Abingdon-on-Thames: Routledge, 2010, p.19).

⁷ *Capite Censi*: Homens sem posse alguma.

bem como aos *proletarii*⁸. A medida de Reforma teve forte oposição do senado, que a vetou mesmo com alterações⁹. Tibério se tornou um político impopular entre os aristocratas romanos e, no dia das eleições para o ano de 132 a.C., ocorridas no final do ano de 133 a.C., a violência irrompeu no Fórum e Tibério e muitos dos seus foram executados¹⁰. A República entrava em uma nova fase, onde a violência passava a fazer parte do debate político.

Uma segunda tentativa de Reforma Agrária foi concebida por Caio Graco, irmão de Tibério e político com uma oratória notadamente reconhecida¹¹. Partindo das ideias de reforma previamente estabelecidas por seu irmão, Caio Graco elaborou uma ideia mais ampla de readequação do *ager publicus*, englobando as terras dos aliados italianos, onde pretendia estabelecer colônias romanas. Outrossim, Caio Graco estabeleceu uma proposta de controle de preços dos cereais, lei que ficou conhecida como *Lex Frumentaria*: a República Romana compraria os cereais e estocaria, revendendo ao povo por um valor menor que o de mercado. Com isso, a expectativa de Caio Graco era a de aliviar a pressão e as variações de preço que comprometiam a população romana.

A fim de ter suas propostas de lei aprovadas, Caio Graco passou a conceder participação política à ordem dos *equites*, ordem dos cavaleiros que até então tinha pouca expressão política; para Flowers¹², a medida de Graco representou o primeiro momento no qual a distinção entre os *equites* e os senadores se desfez, um competindo com o outro em condições de igualdade. A oposição às ideias de Caio Graco não foi menos violenta que a seu irmão, anos antes: sem conseguir se

⁸ *Proletarii*: "Proletário (um cidadão das classes mais baixas, que contribuía com o Estado não através de suas propriedades, mas somente através dos filhos)" (REZENDE, Antônio Martinez; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do Latim Essencial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.323).

⁹ A forte oposição exercida pelo senado pode ser entendida quando analisamos o meio pelo qual Tibério Graco tentou passar sua proposta de Reforma Agrária: ao invés de levar ao senado a proposta, T. Graco levou-a diretamente às Assembleias Populares (*Concilium Plebis*). A manobra foi malvista pelas Assembleias, que buscou vetar a proposta (SCULLARD, H.H. *From Gracchi to Nero: a History of Rome from 133 B.C. to A.D. 68*. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2010, p.22).

¹⁰ PLUTARCH. *Plutarch's Lives: Agis and Cleomenes. Tiberius and Caius Gracchus. Philopoemen and Flaminius*, v.X. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 1959, p.169, §X.

¹¹ LINTOTT, A. *Political History, 146-95 B.C.* In: Cook, J.A. *The Cambridge Ancient History: The Last Age of the Roman Republic, 146-43 B.C.* London: Cambridge University Press, 2008, p.40-103.

¹² FLOWERS, H. *The Cambridge Companion to the Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p.83.

reeleger ao cargo de tribuno da plebe para o ano seguinte, Caio Graco armou seus apoiadores e partiu para um conflito violento contra os membros do senado, sendo executado.¹³

Em meio a todo esse turbilhão político e ao uso da violência como arma política, a República Romana experimentou uma fase de conturbação com generais buscando usurpar o poder para si; o poder pessoal passou a desempenhar um papel fundamental nos embates aristocráticos. Com o crescimento do domínio da República Romana através do Mediterrâneo e com a maior participação republicana nos assuntos externos, os principais generais romanos passaram a ser requisitados para garantir que o controle da República no Mediterrâneo perdurasse; esses generais, por sua vez, voltavam das Províncias a Roma com grandes somas de poder pessoal, desequilibrando a balança de poder a que Políbio faz referência no seu Livro VI.¹⁴

Os primeiros generais de destaque nesse cenário foram Caio Mário¹⁵ e Lúcio Cornélio Sula¹⁶: ambos triunfaram¹⁷ por suas atuações a frente do exército romano

¹³ Não se sabe ao certo se Caio Graco foi morto pela oposição senatorial ou se cometeu suicídio. De qualquer forma, sua morte marcou mais um passo dado pela República Romana em direção ao uso de métodos violentos na disputa política (LINTOTT, A. *Political History*, 146-95 B.C. In: Cook, J.A. *The Cambridge Ancient History: The Last Age of the Roman Republic*, 146-43 B.C. London: Cambridge University Press, p.83-84; SCULLARD, H.H. *From Gracchi to Nero: a History of Rome from 133 B.C. to A.D. 68*. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2010, p.31).

¹⁴ No sexto Livro das Histórias de Políbio, o autor discorre sobre a divisão de poder na República Romana; para Políbio, o poder era dividido em três instituições: senado romano, tribunato da plebe e consulado; cada uma, segundo o autor, tinha suas próprias atribuições e freava o poder da outra. Na prática, entretanto, o senado romano passou a assumir, quando das Guerras Púnicas, uma posição de destaque, tornando-se a referência bem como a fonte de respostas para as mais variadas questões. Depois de Tibério Graco em 133 a.C., ademais, o tribunato se postou cada vez mais como oposição ao senado, causando violentos embates pela hegemonia na República (POLYBIUS. *The Histories V.3: Books 5-8*. Cambridge: Loeb Classical Library, 1979, pp.268-403).

¹⁵ Caio Mário: General e político romano responsável por uma profunda modificação na estrutura do exército romano (SCULLARD, H.H. (2010). *From Gracchi to Nero: a History of Rome from 133 B.C. to A.D. 68*. Abingdon-on-Thames: Routledge, p.38; LINTOTT, A. (2008). *Political History*, 146-95 a.C. In: In: COOK, J.A. *The Cambridge Ancient History: The Last Age of the Roman Republic*, 146-43 B.C. London: Cambridge University Press, p.16-31).

¹⁶ Sula: General e político romano; tornou-se ditador da República Romana 82 a 80 a.C. (PLUTARCO. *Plutarch's Lives: Alcebiades and Coriolanus; Lysander and Sulla*. London: Loeb Classical Library, 1916, p.325-337; SCULLARD, H.H. *From Gracchi to Nero: a History of Rome from 133 B.C. to A.D. 68*. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2010 p.57).

¹⁷ O Triunfo era o reconhecimento supremo da *dignitas*, *laus* e da *gloria* de um general, qualidades morais fundamentais para um político ou um general romano. Era um desfile do general romano, cuja vitória havia sido importante para a República; nesse desfile, pelas ruas de Roma até o Templo

nas Províncias bem como reuniram em torno de si legiões a eles fiéis (*fides*). Caio Mário, por um lado, foi o responsável por uma profunda reforma no exército romano, que ficou conhecida como Reformas Marianas e, a partir de então, os *capite censi* foram incorporados ao exército; dessa forma, as legiões, paulatinamente, passaram a depositar suas fides não mais na República Romana, mas sim aos seus respectivos generais. Por outro lado, Sula foi o responsável, segundo Keaveney¹⁸, por aplicar as Reformas na prática do exército, organizando legiões que defenderiam seus interesses em detrimento dos interesses da *res publica*

[...] So Sulla's role is that of a man who saw what Marius could not, the potential of the new model army, and he was somebody who sought to use it for political advantage. Caesar simply followed Sulla's example, but from different motives and to more deadly effect.¹⁹

De fato, como Keaveney argumenta, Sula foi o responsável por aplicar na prática as Reformas Marianas e por fazer uso dessa nova realidade do exército romano em seu próprio benefício.

Entre 83 e 81 a.C., Sula enfrentou o exército mariano, no que se tornou a Primeira Guerra Civil que a República Romana experimentou; figuras de destaque do final da República aderiram o lado de Sula, a saber, Lúcio Licínio Crasso e Cneu Pompeu. Com o apoio de lideranças importantes, Sula eliminou a oposição dos marianos, tornando-se *dictator legibus scribundis et reipublicae constituendae*²⁰: como ditador²¹ romano, Sula recebeu plenos poderes, concedidos pelo povo, para

de Júpiter (Monte Capitolino), o general era ovacionado pelo povo e expunha suas conquistas como ouro, tesouros e escravos (Beard, M. (2009). *The Roman Triumph*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, p.1-4).

¹⁸ KEAVENEY, A. *The Army in the Roman Revolution*. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2007, p.6.

¹⁹ Idem.

²⁰ SCULLARD, H.H. *From Gracchi to Nero: a History of Rome from 133 B.C. to A.D. 68*. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2010, p.67.

²¹ Ditadura: A ditadura romana foi um cargo esporádico e temporário, sendo aplicada em momentos de extremo perigo para a República. Os ditadores eram indicados pelos côsules para exercer o poder supremo, sem restrições, detendo o poder de *imperium* e o controle sobre todas as outras magistraturas. A ditadura sulana foi atípica, uma vez que Sula garantiu para si o cargo sem a restrição de tempo, que deveria ser de apenas seis meses. Mais tarde, César seguiria o exemplo, ocupando o cargo de ditador nos anos de 49, 47, 46, e 45 a.C. (SCULLARD, H.H. *From Gracchi to Nero: a History of Rome from 133 B.C. to A.D. 68*. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2010, p.68; BRENNAN, T.C. (2006). *Power and Process under the Republican*. In: FLOWERS, H. *The Cambridge Companion to the*

reorganizar a República, castigada pela Guerra Civil. Entre as medidas aplicadas por Sula, podemos destacar duas: a readequação do senado romano como fonte de poder na República e as proscricções.

Para reestabelecer a hegemonia senatorial, Sula eliminou a fonte de oposição ao senado romano, a saber, o tribunato da plebe, destituindo essa instituição da elaboração de leis. Sem oposição e com o número de senadores elevado de 150 a 300, o senado readquiriu uma posição de hegemonia²². Outrossim, as proscricções elaboradas por Sula e que consistiam na condenação à pena capital sem julgamento prévio e no confisco dos bens daqueles condenados foi uma marca amarga da ditadura sulana, que foi sentida por várias gerações e que intensificou o uso da violência como arma política²³. Em 79 a.C., entretanto, Sula se retirou tanto do cargo de ditador quanto da vida pública romana; as eleições foram chamadas, sendo eleitos dois cônsules em conformidade com a tradição romana.

Ainda durante os embates entre Sula e Mário, a República experimentou um violento embate com os povos italianos, conhecidos como sócios (*socii*); as Guerras Sociais, segundo Apiano²⁴, tiveram como estopim a proposta de Reforma Agrária de Tibério Graco em 133 a.C., quando o então tribuno da plebe propôs a redistribuição do *ager publicus*, até então ocupado por possesores italianos; as relações entre a elite italiana e a aristocracia romana, que já tinham se intensificado depois das Guerras Púnicas, passou a ficar cada vez mais conturbada com as ameaças de redistribuição de terras e de limitação do tamanho das propriedades. Outrossim, era desejo da elite italiana obter para si a cidadania romana, uma vez que a cidadania representava o ganho de direitos e a participação política na República. Segundo Gabba²⁵, no ano de 91 a.C. os italianos levaram ao senado

Roman Republic. London: Cambridge University Press, p.63-65; COWELL, F.R. (1967) *Cícero e a República Romana*. Lisboa: Editora Ulisseia Limitada, p.215-231).

²² SEAGER, Robin. Sulla. In: Cook, J.A. *The Cambridge Ancient History: The Last Age of the Roman Republic, 146-43 B.C.* London: Cambridge University Press, 2008, p.201.

²³ Idem, p.198.

²⁴ APIANO. *Roman History III: The Civil Wars, Books 1-3*. Cambridge: Loeb Classical Library, 1964 p.19.

²⁵ GABBA, E. Rome and Italy: The Social War. In: Cook, J.A. *The Cambridge Ancient History: The Last Age of the Roman Republic, 146-43 B.C.* London: Cambridge University Press, 2008, p.104; Scullard,

romano uma proposta de concessão da cidadania romana aos aliados latinos, proposta essa negada; no ano seguinte, sem perspectiva de ter o status de cidadão concedido, os aliados italianos se organizaram e investiram violentamente contra a República, a fim de forçar que a medida fosse aprovada.

Em 88 a.C., todavia, sob o consulado de L. César, foi aprovada a *Lex Iulia de civitate*, na qual ficava instaurado que os aliados italianos obteriam a cidadania romana, podendo participar irrestritamente da política republicana. Ademais, os povos que garantiram para si tal direito passaram a ser considerados *municipia* romana, com um governo próprio (embora vinculadas ao poder romano). É precisamente nesse contexto de cidadão romano que Virgílio se insere e por esse motivo o autor da Eneida pôde ir a Roma e participar do núcleo mais interno do poder.²⁶

Virgílio nasceu em 70 a.C., ano muito interessante para as instituições republicanas. Nesse ano, marcado pelo consulado de duas das mais importantes figuras do século I a.C., a saber, L. Licínio Crasso e Cneu Pompeu, a República deu uma nova guinda em direção ao conflito entre instituições: uma das primeiras medidas adotadas por Pompeu e Crasso foi a restauração dos poderes do tribunato da plebe que, uma vez mais, se postou como a grande oposição ao poder senatorial²⁷. Voltando a Virgílio, segundo Fairclough²⁸, o autor da Eneida veio de uma gens (família) “of rustic parentage, and broght up in the bush and forest”; mesmo vindo

H.H. (2010). *From Gracchi to Nero: a History of Rome from 133 B.C. to A.D. 68*. Abingdon- on-Thames: Routledge, p.57.

²⁶ Entretanto, precisamos ter em mente que os povos da bacia do Pó somente conquistaram o direito a cidadania em 49 a.C., sob o governo de Júlio César; Virgílio tinha 21 anos à época (FANTHAM, Elaine. Introduction and Notes. In: VIRGIL. *Georgics*. London: Oxford World's Classics, 2004, p.11).

²⁷ A manobra de Pompeu em conceder ao tribunato os direitos previamente estabelecidos e que haviam sido destituídos através das medidas de Sula foi recompensado: o tribunato votou uma lei (*Lex Gabinia*) que concedia a Pompeu o comando da guerra contra os piratas no Mediterrâneo, obtendo poderes pró-consulares na região; na prática, isso significava que os povos do Mediterrâneo estavam sob o controle direto de Pompeu. Outrossim, Syme argumenta: “The decay of the Republic, the impulsion towards the rule of one *imperator*, were patent and impressive”. Pouco depois, através da *Lex Manilia*, Pompeu recebeu o comando da guerra contra Mitrídates, Rei do Ponto; ambos os conflitos serviram para aumentar o prestígio de Pompeu perante a aristocracia romana bem como para fazê-lo um homem rico (SYME, Ronald. *The Roman Revolution*. London: Oxford University Press, 2002. p.29).

²⁸ FAIRCLOUGH, Rushton. Introduction. In: VIRGIL. *Eclogues, Georgics and Aeneid I-VI*. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 1916, p.7).

de uma *gens* rural, Virgílio recebeu uma educação exemplar, primeiro em Cremona (cidade ao norte de Roma) e depois em Milão. Para completar seus estudos, Virgílio foi a Roma, onde tornou-se discípulo de Epidius²⁹ e supostamente escreveu alguns poemas mais curtos³⁰ (Catalepton ou *κατα λεπτόν*).

Enquanto Virgílio se dedicava aos estudos em Roma, alguns eventos perturbavam a República: em 60 a.C., Pompeu, Crasso e César³¹ formaram o que ficou conhecido como Primeiro Triunvirato e, na prática, essas três figuras passaram a dominar a política republicana. Medida imediata do pacto entre os três generais foi a eleição de César para o consulado romano e, uma vez cônsul, César garantiu para si a província da Gália (que pacificou entre os anos de 58 a 49 a.C.). Virgílio ainda viu de perto as conturbações da Guerra Civil entre Pompeu Magno e Júlio César, quando, depois da dissolução do Triunvirato, os dois passaram a lutar violentamente pelo controle da República. César saiu vitorioso do embate, mas a República padecia novamente nas mãos de um general com grandes somas de poder pessoal³². Outrossim, depois de uma conjuração senatorial, César foi assassinado no Fórum Romano nos Idos de Março, deixando a República uma vez mais em situação de discórdia civil.³³

²⁹ Epidius foi um professor de retórica e oratória que ensinou figuras destacadas como Otaviano, futuro princeps de Roma (ROSE, H.J. *The Eclogues of Vergil*. California: University of California Press Berkeley and Los Angeles, 1942, p.74).

³⁰ A autoria desses textos de juventude não é confirmada, mas alguns comentadores da obra de Virgílio acreditam serem autênticos (FAIRCLOUGH, Rushton. Introduction. In: VIRGIL. *Eclogues, Georgics and Aeneid I-VI*. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 1916, p.7).

³¹ Júlio César: Político e general destacado na República Romana e através da História. Foi o responsável por neutralizar as revoltas gauleses entre os anos de 58 a 49 a.C. e a conquistar boa parte do território da Gália. Organizou uma frente contra Pompeu e os pompeianos na Guerra Civil iniciada em 49 a 45 a.C. e foi ditador de Roma até 44 a.C., quando foi morto por membros do senado (SUETONIO. *Divino Júlio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007; PLUTARCH. *Plutarch's Lives: Cicero and Demosthenes; Alexander and Caesar*, vol.VII. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 1967).

³² Sobre a Guerra Civil entre Pompeu e César, que ocorreu entre os anos de 49 a.C. (quando César atravessa o Rio Rubicão e entra em Roma com suas legiões) e 48 a.C., mas que se estendeu até 45 a.C. (quando César elimina a oposição dos pompeianos), o próprio Júlio César nos deixou uma obra intitulada *Bellum Civile*, onde este narra os fatos mais importantes da Guerra Civil: CAESAR, Julius. *Bellum Civile*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009). Ademais, podemos encontrar valiosas informações no texto: GOLDSWORTHY, Adrian. *Caesar's Civil War: 49-44 BC*. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2003).

³³ PAGAN, Vitoria Emma. Appian: The Assassination of Julius Caesar. In: PAGAN, Vitoria Emma. *Conspiracy Narratives in Roman History*. Austin: University of Texas Press, pp.109-122.

Sobre a juventude bem como os estudos de Virgílio³⁴, concordamos com Grimal³⁵ no que toca ao seu estilo de vida, que teve forte influência em seus textos e no objeto escolhido para suas obras: “Él es un agricola, un habitante del ager, de la llanura, fuera de la ciudad. Vive en contacto con la tierra y conoce los sinsabores de esta”. Em 43 a.C. o Segundo Triunvirato foi formado, dessa vez por Otaviano, filho adotivo de César, Marco Antônio, lugar-tenente também de César e Lépido; em 42 a.C., depois da derrota de Bruto e Cássio (envolvidos com o assassinato de César em 44 a.C.) contra Marco Antônio e Otaviano, as terras dos aliados italianos, especialmente as terras da região de Mântua, foram divididas entre os veteranos das legiões de Otaviano e Marco Antônio, destituindo o próprio Virgílio de suas terras. O autor da Eneida lutou contra a medida dos dois generais, quase sendo morto pela atitude.³⁶

Em 39 a.C., Virgílio publicou sua obra, a saber, as *Éclogas*, também conhecidas como *Bucólicas*. As *Bucólicas*, segundo Ribeiro, “compreendem idílicos e *éclogas* nas quais as figuras representam pastores e outras personagens dos campos e dos montes”³⁷; ainda segundo Ribeiro, as *Bucólicas* são caracterizadas pelo lirismo bem como por fazer referência aos temas rurais. Grimal³⁸ argumenta que, a partir da publicação das *Bucólicas/Éclogas*, Virgílio se tornou próximo de Otaviano através de Mecenas, homem de confiança de Otaviano.

A partir da relação de Virgílio com Mecenas, o autor da Eneida se inseriu no círculo mais interno do poder romano. Dez anos mais tarde, em 29 a.C., Virgílio

³⁴ Cujo nome completo é P. Vergilius Maro. Segundo Grimal, o *cognomen* Maro e a *gens* Vergilia nos indicam que Virgílio advinha de uma família etrusca da Mântua (GRIMAL, Pierre. *Virgilio: El Segundo Nacimiento de Roma*. Madrid: Editorial Gredos, 2011, p.33).

³⁵ GRIMAL, Pierre. *Virgilio: El Segundo Nacimiento de Roma*. Madrid: Gredos, 2011, p.33.

³⁶ FAIRCLOUGH, Rushton. Introduction. In: VIRGIL. *Eclogues, Georgics and Aeneid I-VI*. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 1916, p.7; GRIMAL, Pierre. *Virgilio: El Segundo Nacimiento de Roma*. Madrid: Editorial Gredos, 2011, p.64-65. Para Grimal, há indícios no texto “Peças Breves”, presente no *Catalepton*: “Pequeno dominio que pertenecías a Sirón, pobre campito, que era para él un tesoro cuando era tu amo, yo confío en ti – no solo yo mismo, sino también conmigo aquellos que siempre he amado – en el caso en que alguna mala noticia me llegara de mi patria; tú serás para él ahora lo que para él fueron en otro tiempo Mantua y Cremona (*Catalepton*, VIII)”. Ademais, a questão rural permeará fortemente a obra de Virgílio.

³⁷ RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A Poesia Pastoril: as “Bucólicas” de Virgílio*. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Latinas). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006, p.10.

³⁸ GRIMAL, Pierre. *Virgilio: El Segundo Nacimiento de Roma*. Madrid: Gredos, 2011, p.120.

publicou sua nova obra, *Geórgicas*, ano esse marcado pela primazia de Otaviano na política, uma vez que o filho adotivo de César eliminou a oposição de Marco Antônio e Cleópatra na *Batalha de Actium* (31 a.C.). Otaviano se tornava, assim, o princeps de Roma, passando a ser conhecido como Otávio Augusto³⁹. As *Geórgicas* foram escritas a pedido de Mecenas, a quem Virgílio dedicou o texto; outrossim, Stahl⁴⁰ argumenta que Virgílio leu as *Geórgicas* a Otávio Augusto no verão de 29 a.C., durante quatro dias, por aproximadamente uma hora e meia por dia. Ainda segundo Stahl, Augusto se dedicou a escutar as *Geórgicas* de Virgílio devido ao fato de o princeps ter se interessado com o novo projeto de Virgílio, a saber, a *Eneida*. Otávio Augusto era, segundo a tradição romana, descendente de Enéias, o herói troiano que, através de seu filho Ascânio (Iulo), fundou a gens Iulia, da qual César e Otávio Augusto faziam parte.⁴¹

Para Augusto, um poema que se dedicasse a figura de Enéias seria uma boa propaganda política a seu favor, visto que o poeta poderia tecer elogios sutis a sua figura. Sobre a *Eneida*, teceremos alguns breves, mas importantes comentários na sessão seguinte.

II. Enéias e Dido, Roma e Cartago: amor, ódio e guerra

“Arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris Italiam, Fato profugus, Lauiniaque uenit litora”⁴²: com essa frase, Virgílio abre o que se tornou sua maior e mais importante obra, a *Eneida*. Sobre a guerra e sobre Enéias Virgílio canta, ou seja, sobre a história da saída de Enéias de Tróia em direção a Itália Virgílio

³⁹ FAIRCLOUGH, Rushton. Introduction. In: VIRGIL. *Eclogues, Georgics and Aeneid I-VI*. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 1916, p.8; GRIMAL, Pierre. *Virgilio: El Segundo Nacimiento de Roma*. Madrid: Editorial Gredos, 2011, p.128.

⁴⁰ STAHL, Hans-Peter. *Virgil's Aeneid: Augustan Epic and Political Context*. UK: The Classical Press of Wales, 1998, p.1.

⁴¹ NETO, João Angelo Oliva. Organização, Apresentação e Notas. In: Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2018, p.17.

⁴² “As armas eu canto e o homem, que exilado pelo Destino, veio de Tróia a Itália e a costa de Lavínio” (VIRGÍLIO. *Eneida*, Livro I, §1, 2018, p.72; Tradução da autora: daqui em diante, sempre que for utilizado uma parte da *Eneida*, a tradução será elaborada pela própria autora).

escreve. Segundo Fairclough⁴³, em 29 a.C. Virgílio publicou as *Geórgicas* e, a partir de então, dedicou seu tempo à escrita da *Eneida*.

Ainda nas *Geórgicas* Virgílio se comprometia a escrever uma *épica* propriamente romana

[...] Presto haverei findado; e então, antes de tudo nas cesáreas ações empenharei meus cantos. Esse ardente guerrear, fá-lo-ei por e vos tantos lembrado das nações, quantos enumeramos de Titão ao seu neto, a César, que adoramos. ⁴⁴

No parágrafo das *Geórgicas*, Titão (também conhecido como Titono) era um príncipe troiano, esposo de Aurora; o César aqui referido é Otávio Augusto (referido na maioria das vezes como César ou César troiano). Outrossim, Titão é apontado como o ancestral de Otávio Augusto, posicionando o *princeps* como o descendente direto dos troianos. O tema de seu novo poema seria, portanto, os ancestrais do *princeps* romano, saídos de Tróia quando da derrota para os gregos e da destruição da antiga cidade. ⁴⁵

De Homero, Virgílio tomou emprestado o protagonista de sua *épica*, o pano de fundo da Guerra de Tróia e a destruição da cidade, bem como o estilo de escrita: a *epopéia*⁴⁶. Esse estilo literário tão antigo que conhecemos por *épica* foi descrito por Bakhtin da seguinte maneira:

[...] Do ponto de vista do nosso problema, a *epopeia*, como um gênero determinado, se caracteriza por três traços constitutivos: 1. O passado nacional *épico*, o “passado absoluto”, segundo a terminologia de Goethe e Schiller, serve como objeto da *epopeia*; 2. A lenda nacional (e não a experiência transformada à base da pura intervenção) atua como fonte da *epopeia*; 3. O mundo *épico* é

⁴³ FAIRCLOUGH, Rushton. Introduction. In: VIRGIL. *Eclogues, Georgics and Aeneid I-VI*. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 1916, p.8. FANTHAM, Elaine. Introduction. In: VIRGIL. *Aeneid*. London: Oxford University Press, 2007, p. 17.

⁴⁴ VIRGÍLIO. *Geórgicas*, Livro III, § 46-48. Tradução: Antônio Feliciano de Castilho.

⁴⁵ NETO, João Angelo Oliva. Organização, Apresentação e Notas. In: Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2018, p.9.

⁴⁶ Alves pontua que a *épica* e a *epopéia* são sinônimos; portanto, me referirei ao estilo literário de Virgílio tanto como *épica* quanto como *epopéia* (ALVES, Hélio. *Epopéia*. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/epopeia/>> Acesso em: 16 de agosto de 2018). Aristóteles em seu texto *Poética* (Περὶ ποιητικῆς), ao comentar sobre o gênero opta por utilizar o termo *epopéia* (ARISTÓTELES. *Poética*. Madrid: Editorial Gredos, 1974).

isolado da contemporaneidade, isto é, do tempo do escritor (do autor e dos seus ouvintes), pela distância épica absoluta.⁴⁷

Bakhtin descrevia o uso do poema épico como forma de criar um passado nacional, o princípio de uma nação. Em Virgílio essa formulação todavia não se aplica, mas podemos dizer que, no geral, o argumento de Bakhtin sobre a épica se aplica à Eneida Virgiliana: Virgílio cria, na Eneida, um passado para o povo romano, uma lenda de criação dos romanos na Península Itálica bem como um mundo épico isolado do presente de Augusto, de difícil acesso. Ademais, Bakhtin continua comentando sobre qual seria, nesse sentido, o mundo da epopeia:

[...] O mundo da epopeia é o passado heróico nacional, é um mundo das "origens" e dos "fastígios" da história nacional, o mundo dos pais e ancestrais, o mundo dos "primeiros" e dos "melhores". Não é o caso de se saber o modo pelo qual o passado se apresenta como conteúdo da epopeia. A referência e a participação do mundo representado no passado é o traço constitutivo formal do gênero épico. A epopeia, como gênero definido e notório, desde o seu início foi um poema sobre o passado, e a orientação do autor, a qual é imanente e constitutiva da epopeia, é a orientação de uma pessoa que fala sobre o passado inacessível, a disposição devota de um descendente.⁴⁸

Se o mundo da épica é o mundo passado, ou seja, se o tema da épica é o passado remoto, podemos argumentar, em conformidade com o pensamento de Moisés⁴⁹, que a épica nasceu com Homero, a saber, com a *Ilíada* e a *Odisseia*⁵⁰. Ademais, para Aristóteles, a épica e a tragédia são gêneros similares, sendo ambas uma "imitação de homens esforçados com verso e com argumento"⁵¹, mas é característica da épica uma métrica uniforme e o uso da narrativa para a composição do poema. A epopeia é, portanto, um gênero literário narrativo que se dedica a "fenômenos históricos, lendários ou míticos considerados representativos

⁴⁷ BAKHTIN, Mikhail. Epos e o Romance (Sobre a Metodologia do Estudo do Romance). In: _____. *Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)*. São Paulo: Editora Unesp, 1993, p.405.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974, p.152.

⁵⁰ Não cabe no presente artigo debater sobre a autoria da *Ilíada* e da *Odisseia*, se são de fato obra de um só autor ou se foram escritas por um autor chamado Homero. De toda forma, apenas pontuaremos que a poesia épica se inicia com ele, uma vez que não temos registros anteriores desse tipo de obra.

⁵¹ ARISTÓTELES. *Poética*. Madrid: Editorial Gredos, 1974, p.143.

duma cultura⁵². Por fim, para Bakhtin o gênero épico tem por objetivo, também, tornar os contemporâneos do autor em heróis; se pensarmos no caso da Eneida Virgiliana, de fato, um dos objetivos da obra é heroificar e enaltecer o novo princeps Otávio Augusto.

Virgílio foi um autor corajoso ao propor um poema em estilo épico, uma vez que, em seu tempo, o gênero era tido como morto. Desde o século V a.C. na Grécia bem como no Mediterrâneo Helenístico, apenas uma obra do estilo foi escrita, a saber, as Argonáuticas de Apolônio de Rodes⁵³. Mesmo sendo uma épica, Virgílio não deixou de trazer elementos de outros gêneros literários em sua Eneida; quando lemos o Canto IV, por exemplo, percebemos aspectos da tragédia na composição da história.; quando lemos parte do Canto V (primeira parte), encontramos elementos da comédia. Assim, uma vez escolhido o tema bem como o estilo que seria utilizado na escrita, Virgílio se voltou para a construção das personagens principais.

O principal personagem da Eneida é, de fato, Enéias. Eneida tem por tradução “gesta de Enéias”, ou seja, a Eneida trata dos feitos heroicos, das façanhas do príncipe troiano. O personagem central da obra de Virgílio foi tirado, como dito anteriormente, de Homero, a saber, da *Ilíada*. Sua participação na *Ilíada* é relativamente pequena, mas importante. Eneias é filho da deusa Afrodite (em latim, Vênus) com o mortal Anquises; é pai de Ascâneo, que por meio de uma alegoria, se torna homem no Livro V.⁵⁴

⁵² ALVES, Hélio. *Epopéia*. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/epopeia/>> Acesso em: 16 de agosto de 2018.

⁵³ NETO, João Angelo Oliva. Organização, Apresentação e Notas. In: Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2018, p.14-15.

⁵⁴ Depois que Juno (Hera) infeitiçou as matronas troianas e as fez incendiar os navios troianos, Ascânio toma seu cavalo e corre em direção aos navios, dirigindo a palavra às matronas: “Que furor cego ou delírio a vós todas açoita, desventuradas mulheres? Não são naus inimigas, argivos acampamentos, que ao fogo entregais! Esperança de todas vós destruí! Sou Ascânio! Aqui estou!”. Quando Ascânio fala, e é a primeira vez que o faz, por meio de alegoria o filho de Enéias se torna um homem, pronto a cumprir seu destino de ser rei no Lácio (VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro V, §670-673).

Em Homero, Enéias é o segundo no comando de Heitor e é descrito como igual ao troiano⁵⁵; seu epíteto na *Ilíada* é “pés velozes”⁵⁶, epíteto bastante comum usado para outros personagens da *Ilíada* e que denota qualidades físicas utilizadas no combate. Em Virgílio, entretanto, Enéias é um herói diferente: castigado pela queda de Tróia e pela morte de seus companheiros, Enéias torna-se um exilado, levando seu pai Anquises, sua esposa Creúsa⁵⁷, seu filho Ascânio e alguns sobreviventes para a Península Itálica onde, segundo o destino, Enéias fundaria uma Nova Tróia.

Em Virgílio, Enéias passa a receber o epíteto “pio” (*pius*)⁵⁸ ou “pai” (*pater*)⁵⁹: *pius*, ou também *insignis pietate* (distinto pela piedade), é o principal epíteto do herói troiano, sendo atribuído a Enéias por 15 vezes ao longo do poema. A *pietas* (piedade) de Enéias, segundo Moseley⁶⁰, é originária do termo grego εὐσέβεια⁶¹, possivelmente presente nas fontes usadas por Virgílio para compor seu novo Eneias. Ademais, a grandeza do personagem principal do poema é precisamente a piedade apresentada, especialmente no que toca cumprir seu destino e obedecer aos deuses. É através da piedade que Enéias sacrifica seus desejos a fim de cumprir o destino a ele reservado bem como de dar ao seu povo uma nova terra. O segundo epíteto, *pater*, é interessante, pois remete a esse caráter piedoso de Enéias, que põem seu povo e seu filho a frente dele mesmo; *pater* também era a forma pela qual os senadores romanos se referiam uns aos outros (*patres conscripti*), sendo que, em sua origem, o senado havia sido formado pelos chefes das principais *gens* romanas. Ao se referir a Enéias como *pater*, Virgílio reforçava a ideia de Enéias como fundador do povo romano.

⁵⁵ Heitor é o grande troiano, aquele que enfrenta Aquiles. É a referência do exército troiano e ter Enéias comparado a essa figura serve de elogio de Homero para Enéias (HOMERO, *Ilíada*, Livro V, §467).

⁵⁶ HOMERO, *Ilíada*, Livro XIII, §482.

⁵⁷ Creúsa, entretanto, morreu antes mesmo de sair da cidade de Tróia, deixando Enéias sozinho. No futuro da narrativa, esse fato será importante, uma vez que Enéias se relacionará com Dido, rainha de Cartago e Lavínia, princesa do Lácio.

⁵⁸ VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro I, §220.

⁵⁹ VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro V, §129.

⁶⁰ MOSELEY, Nicholas. Pius Aeneas. *The Classical Journal*, v.20, n7, abril de 1925, pp.387-400.

⁶¹ Em uma transliteração, eusébeia: “Piedade; respeito e amor dos deuses” (BAIY, A. *Abregé du Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette Livre, 1969, p.381.

Enéias passa, portanto, de um general troiano habilidoso em combate para um príncipe mais preocupado com os seus do que com ele próprio. Dessa forma, Virgílio se distancia de Homero no que toca à construção de seus heróis: Aquiles é um personagem profundamente orgulhoso, que se importa mais com sua própria cólera que com a vitória dos gregos sobre os troianos⁶²; Odisseu (Ulisses) é lembrado por sua astúcia, mas também por ser alguém artiloso e pouco preocupado com os seus, uma vez que retorna a sua terra natal, Ítaca, sem os seus soldados. Enéias é o oposto dos personagens principais da *Ilíada* e da *Odisseia*, se parecendo mais com Heitor que com os personagens supracitados.

Nos quatro primeiros livros da *Eneida*, uma personagem ganha destaque entre os demais: a rainha de Cartago, Dido. A primeira aparição de Dido na *Eneida* virgiliana é no Livro I: nesse livro da abertura da *Eneida*, a narrativa se inicia no meio dos eventos, em um recurso chamado *in medias res*; Enéias encontrava-se nas naus troianas, em direção a Península Itálica. Ao saber que o príncipe troiano se encaminhava a Itália, Juno enviou o deus Eólo (rei dos ventos) para fazer uma tempestade e parar Enéias. Juno assim queria pois, segundo o destino, os descendentes do príncipe troiano levariam Cartago, sua cidade favorita, à ruína. Os ventos desviaram o caminho dos troianos, aportando na costa de Cartago. Lá, Enéias é abordado por Vênus que, travestida de caçadora, lhe diz quem comanda aquelas terras a que os troianos desembarcaram: a rainha Dido era a responsável por elas. Assim fala a deusa:

[...] Os reinos púnicos tú vês, o povo de Tiro e a cidade de Agenor; na fronteira encontra-se os líbios, uma raça indomável na guerra. De fato, o Império é regido por Dido, exilada de Tiro por causa de seu irmão. Longa é a injúria, longa também é a história; recordarei apenas as partes principais. Era casada com Siqueu, o mais rico entre os fenícios na terra e de grande amor pela mísera Dido; a ele seu pai deu virgem em casamento e os unira felizes sob os primeiros auspícios. Mas em Tiro reinava seu irmão, Pigmalião, o mais celerado entre os homens. Entre esses dois se instalou a raiva; o rei,

⁶² A cólera de Aquiles é o tema principal da *Ilíada*, aparecendo já nos primeiros versos do poema: “Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida” (HOMERO, *Ilíada*, Livro I, §1).

ante aos altares e cegado pela sede do ouro, apunhalou Siquei desarmado, sem a menor reverência à dor da irmã sofredora.⁶³

Nesse início das explicações de Vênus sobre quem é Dido, temos algumas informações importantes sobre rainha de Cartago: era originária de Tiro, cidade Fenícia no Líbano e era casada com Siqueu, a quem amava. Quem reinava em Tiro era seu irmão, Pigmalião, rei lembrado por ser celerado, ou seja, por sua perversidade; o rei Pigmalião, a fim de garantir sua posição de poder (“cegado pela sede do ouro”), matou Siqueu, tornando Dido uma princesa sofredora. Dido, ao longo da Eneida, será referenciada por diversas vezes como sofredora, sendo um epíteto comum à personagem.

Dido é lembrada pelo epíteto “sofredora, aquela que sofre por amor” e, ao longo do texto, essa qualidade será empregado para marcar o desenlace entre Dido e Enéias. Vênus, ademais, continua a descrever quem é Dido, comentando que a princesa fenícia não sabia do crime de seu irmão e que o falecido marido, em sonho, revelou a transgressão de Pigmalião. Outrossim, Siqueu entregou a Dido grande fortuna, orientando-a a fugir:

[...] Dido, alarmada, prepara a saída e alicia a mais gente para o seu plano, movidos do horror ao tirano ou até mesmo de puro medo levados. Tomadas de assalto umas naves acaso prestes, carregam-nas de ouro, as famosas riquezas de Pigmalião e a empreitada por uma mulher é chefiada. Os fugitivos chegaram ao ponto da costa em que logo verás os muros ingentes da nova cidadela de Cartago. Compraram dos donos o solo que um couro taurino cercasse, donde lhe veio o cognome de Birsa, de origem fenícia.⁶⁴

⁶³ Texto original presente na edição da Editora 34: “Imperium Dido Tyria regit urbe profecta, germanum fugiens. Longa est iniuria, longae ambages; sed summa sequar fastigia rerum. Huic coniunx Sychaeus erat, ditissimus agri Phoenicum et magno miserae dilectus amore, cui pater intactam dederat primisque iugarat omnibus. Sed regna Tyri germanus habebat Pygmalion, scelere ante alios immanior omnis. Quos inter medius venit furor. Ille Sychaeum impius ante aras atque auri caecus amore clam ferro incautum superat, securus amorum germanae” (VIRGÍLIO, op. Cit., §340-350).

⁶⁴ Texto original presente na edição da Editora 34: “His commota fugam Dido sociosque parabat. Conveniunt, quibus aut odium crudele tyranni aut metus acer erat; navius, quae forte paratae, corripiunt onerantque auro; portantur avari Pygmalionis opes pelago; dux femina facti. Deuenero locos ubi nunc ingentia cernes moenia surgentemque nouae Carthaginis arcem, mercatique solum, facti de nomine Byrsam, taurino quantum possent circumdare tergo” (Idem, §360-367).

Dido, portanto, fugiu de Tiro com alguns dos seus, de maneira muito semelhante a forma como Enéias saiu de Cartago: ambos foram forçados, por guerra ou por golpe, a abandonar suas terras e recomeçar em uma nova, tornando-se exilados; ambos levaram consigo os seus, tornando-se líderes de seus povos. Ademais, a passagem de Virgílio nos aponta para um outro epíteto de Dido, menos utilizado, mas de extrema importância: sua astúcia é lendária; ao comprar as terras em Cartago, Dido é orientada a comprar apenas as terras que pudesse cobrir com uma pele de couro. Para comprar maior perímetro, Dido cortou o coro de boi em finas tiras, cobrindo uma área bastante ampla. Por esse motivo a rainha troiana é conhecida por Birsa, que tem origem no termo byrsa, "couro".⁶⁵

As relações de Dido e Enéias se iniciaram justamente por ter o príncipe troiano atracado suas naus no porto de Cartago, por conta da tempestade enviada por Juno. Após ter com Vênus uma conversa sobre quem governava as terras onde desembarcaram, Vênus os faz invisíveis por meio de uma névoa, a fim de garantir a segurança do filho. Ao andar por Cartago, Enéias tem a chance de ver a nova Cartago sendo construída e o empenho do povo em erguê-la

[...] De tudo se maravilha Enéias, dos grandes edifícios às das toscas cabanas de outrora. Fica maravilhado com os portões, com o traçado do pavimento das ruas. Apaixonadamente os Tiros trabalham sem descanso: alguns constroem muros e com as próprias mãos levam as rochas montanha acima... Leis e magistrados elegem e o santo senado.⁶⁶

Na elaboração virgiliana, temos Cartago como uma cidade, ainda que em construção, muito desenvolvida e cujo povo se empenha na construção de uma cidade excepcional. O interessante da passagem, para além de estabelecer a primeira impressão de Enéias em relação à cidade, é a constituição política de

⁶⁵ NETO, João Angelo Oliva. Organização, Apresentação e Notas. In: Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2018, p.101-102.

⁶⁶ Texto original presente na edição da Editora 34: "Miratur molem Aeneas, magalia quondam, miratur portasstrepitumque et strata uiarum. Instant ardentis Tyrii: pars ducere muros molirique arcem et manibus subuoluere saxa... Iura magistratusque legunt sanctumque senatum" (VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro I, §420-425).

Cartago: “leis e magistrados elegem e o santo senado”; Políbio e Aristóteles⁶⁷ podem nos dar alguma luz sobre a formação de Cartago, desde os tempos de sua fundação até as Guerras Púnicas: a divisão política de Cartago lembrava, em alguns aspectos, a divisão política da República Romana, mas a cidade miticamente fundada por Dido era governada por um general que se assemelhava a um rei. Havia também o conselho dos anciãos, que parecia no que toca ao funcionamento e às obrigações, ao sendo romano. Nessa passagem, Virgílio estabelece Cartago como um outro, mas um outro semelhante ao romano, enaltecendo o grande inimigo da República.

Continuando a analisar o estabelecimento da relação entre Enéias e Dido, no Livro I vemos Enéias caminhando por Cartago, quando encontrou o Templo de Juno. No Templo, Enéias tem um vislumbre do próprio passado, uma vez que as pinturas presente no local fazem referência à Guerra de Tróia; para Neto⁶⁸, o momento marca uma alegoria construída por Virgílio, onde o personagem principal se vê como lenda: ao se ver nas pinturas, Enéias de fato percebe-se como herói e lenda de uma Guerra já finalizada.

Ainda no Templo de Juno, Enéias e Dido se encontram pela primeira vez, tendo a rainha de Cartago convidado o príncipe troiano e os seus para ficar e “querem aqui ficar e compartilhar do meu reino nascente? Esta cidade pertence-vos”⁶⁹; Enéias, então, se revela à Dido e em Cartago decide ficar por pouco tempo. Outrossim, uma vez decidido em ficar em Cartago, Vênus enviou Cupido para enfeitiçar Dido para que esta se apaixonasse por Enéias, a fim de evitar que a rainha fizesse qualquer mal a seu filho.⁷⁰

Desde que Dido foi enfeitiçada por Cupido e com planos de se casar com Enéias e fazê-lo governar Cartago em conjunto com ela, Virgílio aponta que esta já

⁶⁷ ARISTÓTELES. *Política*. Madrid: Editorial Gredos, 1988, p.140-141; POLYBIUS. *The Histories Vol.3: Books 5-8*. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 1979, p.385.

⁶⁸ NETO, João Angelo Oliva. Organização, Apresentação e Notas. In: Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2018, p.71.

⁶⁹ Texto original presente na edição da Editora 34: “Vultis et his mecum pariter considere regnis? Urbem quam statuo uestra est” (VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro I, §573-574).

⁷⁰ “Da falsidade e da incerteza dos tírios ela teme”, esse é o motivo pelo qual Vênus manda Cupido para enfeitiçar Dido para se apaixonar por Enéias” (Idem, §660).

não mais cumpria seus deveres cívicos, dando início a parte trágica do poema épico:

[...] A rainha, desde que foi ferida pela cega paixão, nutriu nas veias a chaga e no oculto a chama que a consome, volvendo a mente ao valor do guerreiro, da alta linhagem do herói... A triste Dido queima e, delirante em sua obsessão, vaga pela cidade... Pela cidade ela leva Enéias, mostrando-o as riquezas sidônias e as construções da cidade, ora começa a falar e interrompe no meio o discurso... Inacabadas as torres permanecem, não mais a juventude se exercita nos jogos da guerra; interrompidas as obras, o céu das ameaças descansa; por acabar ficam as fortalezas e todas as obras.⁷¹

A partir do momento em que a rainha Dido se apaixona perdidamente por Enéias, o poema épico de Virgílio assume contornos líricos, beirando a tragédia: como comenta Neto⁷², Dido apresenta claros sinais de “doença do amor, efemeridade erótica” que privam a rainha cartaginense de cumprir seus deveres cívicos. Nesses momentos da narrativa onde temos o amor ardente de Dido por Enéias, Virgílio estabelece, segundo Giusti⁷³, uma alegoria à própria História de Roma, no que toca à relação do general romano Marco Antônio com a princesa oriental Cleópatra.

Para Giusti, Virgílio, por meio dessa alegoria, levava o leitor à memória das Guerras Civis, do conflito entre Otaviano e Marco Antônio e da parceria entre este e Cleópatra, quando o general romano optou, na concepção de Virgílio, por ficar com a rainha oriental em detrimento da República. Outrossim, para o autor, a atitude de Marco Antônio pode ser considerada, por meio de uma alegoria, o não cumprimento do dever cívico, justamente como Dido faz nessa parte do Livro IV da Eneida.

⁷¹ Texto original presente na edição da Editora 34: “At regina grauiu iamdudum saucia cura uulnus alit uenis et caeco carpitur igni... Nunc media Aenan secum per moenia ducit Sidoniasque ostentat opes urbemque paratam, incipit effari mediaque in uoce resistit... Non coeptae assurgunt turrets, on arma iuuentus exercet portusue aut propugnacula bello tuta parant; pendent opera interrupta, minaeque murorum ingentes aequataque machina caelo” (VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro IV, §86-89).

⁷² NETO, João Angelo Oliva. Organização, Apresentação e Notas. In: Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2018, p.255.

⁷³ GIUSTI, Elena. *Carthage in Virgil's Aeneid: Staging the Enemy under Augustus*. London: Cambridge University Press, 2018, p.21.

As alegorias entre Enéias e Dido, Marco Antônio e Cleópatra, continuam a partir do momento em que o herói troiano tem relações consumadas com a rainha fenícia, quando Virgílio argumenta que Enéias, uma vez em Cartago e junto à Dido, passou a se vestir como um cartaginês: “nos ombros levava um manto brilhante púrpura da Tíria, caro presente que Dido adornou, com quadros esquisitos em traços de ouro”⁷⁴. Enéias, nesse momento da narrativa do Livro IV, está decidido a ficar em Cartago, adotando até mesmo a vestimenta. Novamente Virgílio estabelece uma alegoria entre os personagens míticos com, principalmente, Marco Antônio, pelo fato de ter o general romano optado por ficar com Cleópatra ao invés de proteger a República. O autor da Eneida mantém viva, dessa forma, a memória do conflito com Otaviano e, outrossim, essas alegorias servem para enaltecer a figura do *princeps*.

Mas o destino de Enéias não é ficar em Cartago e sim levar os seus para a Itália e lá fundar uma Nova Tróia; para que isso seja cumprido, Júpiter enviou Mercúrio, deus mensageiro, a fim de dizer a Enéias que sua obrigação residia fora de Cartago:

[...] O que fazes? Construindo as bases da alta Cartago, arranjando as coisas de sua mulher bonita, da antiga pátria e dos teus interesses esqueceste?... Que tempo precioso desperdiçado na Líbia! Se não te move a esperança de algo fazer em louvor de ti mesmo, de teus ascendentes, pensa em Ascânio que está crescendo, seu herdeiro, a quem deves o reino da Itália e as terras de Roma. ⁷⁵

Desde que Enéias saiu de Tróia soube que seu destino era levar os sobreviventes troianos para uma nova terra, onde fundaria um “império no mundo”⁷⁶, ou seja, construiria as fundações de Roma. A questão do Império (*imperium*) parece ser central na construção dos primeiros quatro livros bem como

⁷⁴ Texto original presente na edição da Editora 34: “Arque illi stellatus iaspide fulva ensis erat Tyrioque ardebat murice laena demissa ex umeris diues quae munera Dido fecerat, et tenui telas discreurat auro” (VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro IV, §261-264).

⁷⁵ Texto original presente na edição da Editora 34: “Tu nunc Carthaginis altae fundamenta locas pulchramque uxorius urbem extruisti, heu regni rerumque oblite tuarum?... Si te nulla mouet tantarum gloria rerum nec super ipse tua moliris laude laborem, Ascanium surgentem et spes heredis Iuli respice, cui regnum Italiae Romanaque tellus debentur” (*Eneida*, Livro IV, §272-276).

⁷⁶ “Imoeriumque urbe” (Idem, §159).

para a mensagem que Virgílio estabelece: Roma estava fadada a ser um Império, quer fosse o poder militar exercido pelo exército romano sobre os aliados ou conquistados, quer fosse a dominação política praticada por Roma aos povos a que entrava em contato.⁷⁷

Virgílio associa o termo *imperium* ao falar sobre o destino romano e ao falar sobre Enéias e Dido, estabelecendo uma alegoria: a partir de Cartago, ou seja, a partir da vitória nas Guerras Púnicas, a República Romana deu um primeiro passo em direção a criação de um Império/Imperium no Mediterrâneo, no sentido de dominação romana sobre os povos da região. Essa associação de Virgílio nos é interessante pois nos revela uma nova camada do texto: para além de rememorar as consequências ruins das Guerras Púnicas, como a ausência de *metus hostiles*⁷⁸ e o enfrentamento da aristocracia contra ela mesma, as Guerras Civis, as proscricções e o assassinato de parte da aristocracia dominante, Virgílio percebia uma consequência positiva nos eventos, a criação de um Império.

Concordo com o argumento de Giusti⁷⁹ que, ao falar de Cartago e Roma bem como de Dido e Enéias, Virgílio rememorava as Guerras Civis, especialmente as guerras entre César e Pompeu e Marco Antônio e Otaviano, mas vou além argumentando que há um viés positivo na alegoria, onde Virgílio marca o início do domínio romano no Mediterrâneo, associando *imperium* com Cartago.

Esse aspecto pode ser visto, ademais, no seguinte trecho, presente no Livro IV da Eneida: “prometeu que ele o império da Itália teria, das guerras gestadas, e

⁷⁷ A questão do *imperium* é um assunto espinhoso, tendo os especialistas debatido largamente sobre o que representava o poder de *imperium*: para alguns especialistas como Mommsen, o poder de *imperium* dava ao magistrado autoridade suprema tanto militar quanto jurídica, ou seja, era desempenhada tanto dentro da cidade de Roma quanto fora. Para outros especialistas, como Mitchell, o poder de *imperium* era confinado às áreas fora da *urbe*, não desempenhando papel significativo nos debates políticos internos de Roma. Ademais, como comenta Lewis, o uso do termo, a partir de Augusto, foi modificado, passando a ser compreendido, também, como a dominação/império desempenhado por Roma entre os mais variados povos (DROGULA, Fred K. Imperium, Potestas and the Pomerium in the Roman Republic. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 56, H.4, 2007, pp.419-452; LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. Oxford: The Clarendon Press, 1958, p.900-901).

⁷⁸ *Metus Hostiles*: Medo de um inimigo estrangeiro.

⁷⁹ GIUSTI, Elena. *Carthage in Virgil's Aeneid: Staging the Enemy under Augustus*. London: Cambridge University Press, 2018, p.18.

que levaria muito longe os teucros⁸⁰; quem comenta isso é Júpiter a Mercúrio, argumentando que os troianos teriam, uma vez na Itália, um Império em ascensão; novamente, Virgílio associa Cartago com a construção de um Império e não de uma maneira negativa.

Outrossim, a nova Cartago fundada por Dido é descrita, já no início da Eneida, como uma cidade bem desenvolvida e exemplar, fruto do esforço de Dido e dos seus sócios⁸¹:

[...] Havia uma antiga cidade, fundada pelos colonos de Tiro, Cartago, distante da Itália e de frente às bocas do Tibre, rica em todo recurso, feroz no que toca à guerra. É tido que Juno lá habitava e amava essa terra mais que as outras, mais até que Samos diletta. Em Cartago ela guardava sua carruagem e suas armas; essa era sua favorita para governar sobre todos os povos, se os Fados permitissem.⁸²

Em um momento da narrativa épica em que Roma ainda não existia, nem sequer os troianos haviam chegado à Península Itálica, Virgílio comentava sobre Cartago como uma potência em ascensão, uma cidade “rica em todo recurso”; é importante nos indagar sobre porquê Virgílio enaltecia Cartago na Eneida. Enaltecer um inimigo a ser vencido ou já vencido não é exclusividade da obra virgiliana, pelo contrário, outros autores, como César por exemplo, já utilizaram esse artifício para engrandecer seus próprios feitos.

Mas aqui no poema de Virgílio, encontramos uma característica própria do autor: ao enaltecer Cartago, Virgílio criva um imaginário de arqui-inimigo romano poderoso, daquele inimigo estrangeiro que mantinha as instituições republicanas trabalhando em conjunto a fim de derrotá-lo. Outrossim, enaltecer Cartago significava enaltecer Roma, não somente porque a República Romana venceu o

⁸⁰ Texto original presente na edição da Editora 34: “sed fore qui grauidam imperiis belloque fremement Italiam regeret, genus alto a sanguine Teucris” (VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro IV, §228-229).

⁸¹ Por vezes Virgílio se referencia ao povo de Dido e de Enéias como sócios. Opto por utilizar uma linguagem semelhante a empregada pelo autor.

⁸² Texto original presente na edição da Editora 34: “Urbis antiqua fuit (Tyrii tenuere coloni) Carthago, Italiam contra Tiberinasque longe ostia, dives ipum studiisque asperrima belli, quam Iuno fertur terris magis omnibus unam posthabita coluisse Samo; hic illius arma, hic currus fuit; hoc regnum dea gentibus esse, si qua Fata sinant, iam tum tenditque fouetque” (VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro I, §10-16).

inimigo cartaginês, mas também porque a representação de uma grande Cartago servia de espelho pra Roma: “a certain degree of mirroring with the ‘self’”⁸³. Dessa forma, olhar para Cartago, era olha para a própria Roma, como passou de uma potência local para a grande referência dos povos Mediterrânicos no que toca ao poder.

Por fim, o desfecho da história de Dido e Enéias assim como o de Roma e Cartago é trágico. Enéias precisa partir pois os deuses e o destino assim querem. O príncipe troiano, entretanto, expressa o desejo de ficar e o receio de deixar Dido para trás⁸⁴, mas o destino era maior que o amor: Enéias tem por obrigação levar os seus para a Península Itálica e lá fundar a Nova Troia. Dido extravasa sua loucura, amaldiçoando os romanos e qualquer relação que estes tentarem estabelecer com os cartagineses

[...] Ó Tírios, vosso ódio infinito em seus descendentes exercei! É o que minhas cinzas oferecem a vós como tributo. Que nenhum amor ou nenhuma aliança exista entre os dois povos inimigos. Há de nascer das minhas cinzas quem possa vingar-me com ferro e fogo, quem limpe meu nome com sangue dardânio.⁸⁵

Ao estabelecer o desenlace trágico da história de Dido e Enéias e de sua história de amor, elemento presente no final do quarto livro da Eneida, Virgílio retoma certos elementos que foram empregados para construir a rainha cartaginesa: ela é triste, está doente de amor e deixa os seus deveres cívicos na tentativa de pôr fim a seu sofrimento. Dido opta pelo suicídio ante a impossibilidade de com Enéias ficar, não sem antes amaldiçoar as relações entre Roma e Cartago; a partir de sua trágica morte, não haveria possibilidade de paz entre as duas potências. Ademais, Dido convoca seu descendente para vingar, com ferro e fogo, o abandono de Enéias.

⁸³ GIUSTI, Elena. *Carthage in Virgil's Aeneid: Staging the Enemy under Augustus*. London: Cambridge University Press, 2018, p.13

⁸⁴ “Italiam non sponte sequor”, Enéias não buscava a Itália por vontade, mas sim pois esse era o destino imposto (VIRGÍLIO, *Eneida*, Livro I, §361).

⁸⁵ Texto original presente na edição da Editora 34: “Tum uos, o Tyrii, stirpem et genu omne futurum exercete odiis, cinerique haec mittite nostro numera. Nullus amor populis, nec foedera sunt. Exoriare aliquis ostris ex ossibus ultor, qui face Dardanios ferroque sequare colonos, nunc, olim, quocumque dabunt se tempore uires” (Idem, §622-627).

Para Neto⁸⁶, esse descendente era, pois, Aníbal, o grande general cartaginês que por muito pouco não venceu a República Romana. Ao construir esse fim trágico para a rainha mítica de Cartago, Virgílio novamente rememorava as Guerras Púnicas, o medo romano do poderio cartaginês e, principalmente, as consequências, tanto boas quanto nefastas, que as Guerras Púnicas trouxeram à República Romana.

IV. Considerações finais

Finalizando esse breve passeio através da História Romana sob a ótica de Virgílio, algumas considerações são importantes para ligar todos os pontos levantados no presente artigo. Primeiramente, percebemos Virgílio como um homem entre dois tempos, como um autor inserido na ruptura: nasceu durante a República, foi espectador dos distúrbios do final do século I a.C. e viu a ascensão de Otaviano como detentor do poder hegemônico em Roma. Se inseriu no círculo mais interno do poder romano, escrevendo para o princeps Otávio Augusto e exaltou-o em suas *Geórgicas* bem como na *Eneida*.

Sobre a *Eneida*, percebemos que o momento era oportuno para escrever sobre a história do herói troiano Enéias, uma vez que este era o fundador mítico da gens de Otávio Augusto. Ao escrever sobre Enéias, Virgílio escreveria, também, sobre o princeps. Virgílio morreu em 19 a.C., sem conseguir polir sua magistral obra antes de publicá-la.

Nos quatro primeiros livros da *Eneida*, Virgílio escreve sobre a saída de Enéias e seus sócios de Tróia, recém derrotada pelos gregos, e da chegada destes a Cartago, reino fundado pela rainha mítica Dido. O herói troiano e Dido tem uma relação amorosa, mas o destino de Enéias não é ficar em Cartago, este deve partir para a Península Itálica, onde fundaria um Império para os troianos. Através da construção dessa alegoria a partir do amor entre as duas figuras míticas, identifico três intenções que permanecem nas entrelinhas do poema: Virgílio cria uma

⁸⁶ NETO, João Angelo Oliva. Organização, Apresentação e Notas. In: Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2018, p.297.

imagem de arqui-inimigo a partir de Cartago; rememora, através de Cartago, as Guerras Civis e o período de discórdia civil, mantendo viva essa memória; ainda através de Cartago, Virgílio olha a questão com otimismo, pois enxerga nas Guerras Púnicas o início do Império Romano

Ao criar um arqui-inimigo para Roma a partir de Cartago, Virgílio olhava, também, para Roma: os romanos se identificavam com os cartagineses, reconheciam seu poderio, por isso mesmo temiam o povo de Cartago, no que ficou conhecido como *metus hostiles*. Outrossim, ao elevar o status militar ou político de um povo, os romanos, em realidade, se enalteciam, uma vez que saíram vencedores das Guerras Púnicas. Virgílio, ademais, ao acrescentar na narrativa Cartago estava também mantendo viva a memória de eventos não a muito encerrados, como as Guerras Civis, as proscricções e a discórdia civil percebida no final do século I a.C. Virgílio, ao apontar como origem para todos os distúrbios ocorridos no período as guerras contra Cartago, se insere em uma tradição muito anterior a ele, onde outros autores também identificam as Guerras Púnicas como a origem de todos os males da República.

Mas Virgílio também olha para as Guerras Púnicas com um olhar otimista, por vezes relacionando a derrocada de Cartago com a formação do Império Romano. Faz isso por meio de alegorias e associações, o que força um possível leitor da obra virgiliana a prestar atenção nas minúcias do texto, nos pequenos detalhes. Mas a tarefa árdua se mostra recompensadora, visto que essa é, de fato, uma das grandes obras escritas na Antiguidade.

Recebido em: 23/08/2018

Aprovado em: 02/12/2018